

VOCÊ SE LEMBRA?



LINO RESENDE





VOCÊ SE LEMBRA?

LINO RESENDE

Vila Velha, ES
2019



VOCÊ SE LEMBRA?

Copyright @ 2019 Lino Geraldo Resende

Todos os direitos reservados

Permitida a citação de partes, desde que identificada a fonte.

Proibida a reprodução total ou parcial sem o consentimento do detentor dos direitos autorais

Projeto Gráfico, Capa e Edição:



LINO RESENDE
Texto, Edição, Jornalismo e Consultoria

LINO RESENDE JORNALISMO

Vila Velha, E. Santo.

linoresende.jor.br



[linoresende](https://www.instagram.com/linoresende)

Os personagens desta novela são inteiramente ficcionais. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

1ª Edição
Vila Velha - E.S.
2019

“Você se lembra da Lara, a boazuda que foi o único a comer na época da faculdade?”, me perguntou tão logo eu me sentei. Não entendi por que uma antiga namorada tinha sido usada para iniciar a conversa, mas em se tratando de Jorge, meu amigo dos velhos tempos e antigo companheiro de redação, não era surpreendente. Era dele surgir com as questões mais disparatadas. Não tive pressa de responder. Ajeitei-me, enchi meu copo – ele havia chegado antes e pedido a cerveja de sempre – tomei um gole, apreciei o gosto do malte e da cevada da boa bebida e, enfim, respondi.

- Claro que me lembro. Por que está perguntando? Depois da faculdade e de ter me deixado nunca mais a vi.

- Acho que voltará a vê-la. Encontrei-me com ela por acaso no shopping. Foi ela quem me reconheceu. Vi uma senhora gostosa se aproximando e fiquei observando-a. Ela me surpreendeu. “Jorge, é você mesmo? Sabe que não mudou quase nada”, foi o que disse. Fiquei sem entender, pois não a reconheci. Ela notou. “Não está me reconhecendo, vejo. Sou a Lara. Estudamos juntos, não se lembra. Namorei o Paulo. Ele ainda continua sendo seu amigo?”. Respondi que sim, que continuávamos amigos. Convidei-a para um café. Aceitou e nos sentamos. Conversamos por um bom tempo, mas não estava interessada em mim e, sim, em você. Continua com sorte.

O Jorge é o protótipo do machista. Só pensa em mulher e na melhor maneira de colocá-la na cama. Ao longo dos anos, depois

de dois casamentos fracassados, quatro filhos e centenas de namoradas, continua igual. É só ver uma mulher que quer levá-la para a cama. Não importa se é bonita ou feia, alta ou magra, branca ou negra. O que lhe dá mais prazer é apontar para alguém e dizer: “Tá vendô fulana, já comi”. Conhecendo-o, acho que para ele foi uma grande frustração ver a Lara comigo e recusá-lo. Nem mesmo um amasso conseguiu dar. Aliás, não foi o único. Dos antigos colegas e dos anos loucos da faculdade, fui o único com quem ela foi para a cama e a iniciativa não foi minha, mais dela. Não a achava atraente, preferindo dormir com outras meninas. A maioria delas vivia trocando de cama. A Lara, não. Acabou no nosso meio virando a “santinha”, coisa que, depois, descobri que não era. O Jorge não deixou o assunto de lado.

- Sabe que ela continua bonita e manteve aquele corpão. Sempre quis trepar com ela. E não era só eu. A maioria dos homens da faculdade também. Por que foi que ela te escolheu?

- Nunca perguntei. Não achei importante. Já que estava comigo não podia reclamar. Você sabe como começamos.

- Sei, sim. Foi num dia em que saímos e bebemos todas. No final, ficamos em meia dúzia, sendo que a Lara era uma das meninas que permaneceu. A não ser você, todos tínhamos um par. Fiquei com pena sua. Iria dormir sozinho, pois a Lara não dava pra ninguém. Quem descobriu que estavam trepando?

- Cara, foi a tanto tempo que não me lembro. Mas vamos deixar a Lara de lado. Como vai indo o livro?

O Jorge vinha trabalhando no seu segundo romance, que envolvia o tempo da ditadura. Ele foi um membro ativo do Partido Comunista e chegou a integrar o Comitê Central de Vitória. Era um dos vários comunistas na redação. Na época, personificava o protótipo do jornalista: boêmio, cabeludo, metido a conquistador, fumante e frequentando os botecos da cidade. Às vezes, brincávamos que para ficar completo só faltava ele ser viado, o que o tornaria apenas mais um no grupo. Como bom machão, não acei-

tava homossexuais, embora convivêssemos com vários. Tinha preconceito e por isso mesmo vivia sendo provocado. Um deles, muito assumido, vivia segurando-lhe a genitália, o que o deixava irritado e nos fazia rir. Além disso, era e continua sendo cheio de manias, o que lhe rendia dissabores. Na esculhambação que era a redação, o que não faltava era colega para atormentá-lo. Às vezes, quase brigava. Mas depois, rindo, saíamos para beber e voltava ao seu assunto principal: mulheres.

“Acho que dentro de uns dois meses mais termino”, falou sobre o livro. Sua dúvida era ainda em relação ao título. Pediu sugestões e eu as dei, mas duvido que as aceitasse. Apesar de sermos muito amigos, no primeiro romance só deixou que eu lesse depois de publicado. Não seria diferente com o segundo. Ele falava de ideias, de trechos que estava desenvolvendo, mas nunca tinha me deixado ler nada. Nos nossos encontros, corriqueiros e programados, o livro era apenas um dos assuntos. Sentados diante dos copos e esperando o tira-gosto ou o prato do dia, lembrávamos da faculdade, da redação, dos amigos e eu ouvia os relatos de quem havia se casado ou se separado, quem comia quem e que foi abandonado por outro. O Jorge era, talvez, o mais informado do que acontecia no meio jornalístico da cidade.

“Sabe a Isabel, que trabalhou com você? Colocou chifre no marido e criou a maior confusão. O Jairo ficou enfurecido e tentou matá-la. Teve até polícia envolvida. No final, as coisas ficaram calmas, mas ele não se conforma em ter sido corneado”. “Podia simplesmente ter me largado”, disse-me, “não precisava me chifrar”. Contou e no final deu uma gargalhada.

Aproveitei a deixa e perguntei: “Você nunca foi chifrado?”. Ele me fuzilou com o olhar. Tinha sido um dos que comeu uma das namoradas firmes dele. O Jorge ficou possesso e queria briga. Na época, acho que lhe disse: “Ah, agora vê como é bom chifrar os outros. Quando comeu minha namorada, não reclamei. Agora, não pode reclamar, também”. Ele ficou quieto, pensou um pouco e emendou: “Pensei que não sabia que eu tinha comido ela”. Mas o Jorge tinha algo a falar e voltou a Lara, que não tinha comido.

- Nunca entendi por que a Lara deu pra você. Mas o que entendi menos é o fato de não ter dado pra mais ninguém. Ainda não tenho uma explicação.

- Jorge, como disse, nunca perguntei pra ela. Mas não me preocuparia com isso vários anos depois. Entre todos, você é o campeão de mulheres. Na sua cama já passaram muitas. Na minha, menos, muito menos. Não disputo o título com você, nem com ninguém.

- Não é isso, Paulo. Não me importo que ela tenha dado pra você, mas não entendo é por que não deu para outros. Veja a Isabel, de quem falei. Você a inaugurou, mas depois ela foi pra cama com outros. A Lara, não. Não entendo.

A comida chegou e mudamos o foco. Como era previsível, o Jorge pediu o mesmo filé a cavalo de sempre e, depois do primeiro pedaço, ressaltou como era uma delícia. Eu tinha mudado minha alimentação e pedi salada com um bife, mas salivando com o cheiro do bacon e do feijão do prato do Jorge. Ele, não mudou nada. Quis tudo o que tinha direito, sem se preocupar com o colesterol. Eu tinha me transformado em mais light e uma das poucas oportunidades em que bebia era ao encontrá-lo. Encontro sem um bom prato e cerveja, para ele, não tinha sentido. Gostava de comer e de beber bem mas, ao mesmo tempo, era sovina. Nos encontros, eu pagava. Era o pouco que podia fazer para retribuir a velha amizade. De início, ele queria rachar a conta, mas nunca permiti. Acostumou-se e já não fazia nenhum esforço para pagar. Comemos bem e ainda conversamos mais um tempo. Eu tinha reunião e sai. Ele certamente iria voltar ao livro.

- Liga na semana que vem. De repente, dá pra almoçar de novo.

- Pode deixar. Vou te ligar.

Deixei o restaurante em direção ao estacionamento, entrei no carro e fui para reunião com um cliente. No caminho, por um acaso, no playlist surgiu uma das músicas antigas que a Lara gostava e pensei nela, indagando-me como verdadeiramente deveria estar.

Não confiava na apreciação do Jorge. Se a mulher não fosse muito feia, a achava bela. Se fosse para a cama com ele, virava beldade. Fiquei curioso, desejando reencontrá-la e ver como estava. Certamente bem diferente do que foi, a exemplo do que tinha acontecido comigo. Ao entrar na reunião, coloquei a Lara e o passado de lado, concentrando-me nos assuntos profissionais.

Fiz a apresentação do projeto, expliquei detalhes, detalhei o custo e, para minha surpresa, o cliente fechou logo o negócio. Satisfeito, voltei ao escritório e me envolvi com tarefas corriqueiras: responder e-mails, ver pagamentos, agendar o dia seguinte, ver pendências e o andamento de projetos em execução. O tempo passou rápido e, quando vi, já era mais de 7 horas. Desliguei o computador, coloquei minhas coisas na mochila e sai. O trânsito estava bom e logo cheguei em casa. Estacionei e peguei o elevador já pensando em um bom banho e no que iria comer. Assim que girei a chave na porta e entrei senti que havia algo diferente. A casa estava arrumada e não era dia da arrumadeira. Ouvi o barulho do chuveiro e concluí que era minha filha. Por algum motivo, tinha ido para o apartamento sem me avisar. Não era inusitado.

- Donna, é você, filha?

- Pai, chegou tarde. Trabalhando?

A resposta veio meio abafada pelo barulho do chuveiro. Respondi, mas não achei que tivesse ouvido. Sentei-me na sala, peguei o livro na mesa de centro – sim, sou antiquado e gosto de livros físicos – e voltei à leitura de onde tinha parado. Estava concentrado nela quando o chuveiro foi desligado e uma sombra cobriu a luminosidade da porta, no corredor. Levantei os olhos e vi minha filha enrolada na toalha, sorridente. Ela se aproximou, me beijou e fez um comentário jocoso.

- Estou ficando pudica. Cansei de andar pelada nessa casa, mesmo depois de adulta. Depois que você e mamãe se separaram, fico constrangida. Você acredita?

Ela riu gostosamente e eu a acompanhei. Tirar a roupa em casa nunca tinha sido problema. Eu frequentemente andava nu e minha ex também. Tomava banho com os filhos, os dois dentro do box. E foi nestes banhos que expliquei a diferença entre homem e mulher, mostrando a evidência em cada um deles. Tornada normal, a nudez não nos alarmava e mesmo depois de adulta a Donna saía do banheiro inteiramente nua, entrava no quarto ou passava pela sala. Constrangida? Não, acho que não.

- Acho que está é escondendo alguma coisa? Vai, tira essa toalha que quero ver.

- O que é que eu poderia esconder pai? Não fale. Vou ficar zangada com você. Sei o que esta mente suja sua está pensando. Não é nada disso.

- Donna, não pensei em nada. Estava só brincando. Você tem um corpo lindo. Aliás, é linda por completo e sabe disso. Ficar nua ou não é uma decisão sua. Não me incomoda que esteja usando uma toalha ao sair do banho, da mesma forma que não me incomodaria se estivesse completamente nua.

- Sei disso, pai. Estava só zoando contigo.

Ela saiu rebolando em direção ao quarto e voltei à leitura. Pouco depois, já convencionalmente vestida, retornou e sentou-se ao meu lado, olhando-me séria.

- Você se importa se ficar aqui, hoje. Se tiver alguma coisa, é só me falar que vou embora.

- Esta casa é tão sua quanto minha, filha. Aqui tem sempre lugar para você. E não tenho nada. Tive um dia cansativo e pensei em um bom banho, comer alguma coisa e depois cair na cama. Não vou sair nem ninguém virá para cá, se é isso que quer dizer.

Ela pareceu aliviada. Não entendi e fiquei olhando-a de forma interrogativa.

- Encontrei o Jorge, pai. Ele me contou que encontrou uma an-

tiga namorada sua e que ela lhe tinha perguntado por você. Ele deu seu telefone. Achei que pudesse ter ligado e que você iria vê-la ou ela viria aqui.

- Almocei com o Jorge e ele me contou o encontro, também. A Lara, que é o nome da antiga namorada, não me ligou. E se tivesse ligado, não a chamaria para vir aqui, em casa. Iria encontrar-me com ela em outro local. Isso foi bem antes de você nascer, Donna. Desde então, nunca mais a vi. Nem sei se a reconhecerei se a encontrar.

- Desculpa, pai. Acho que fiquei com ciúmes. Você tem falado com meu irmão? Sabe que está pensando em se casar?

- Falei com ele no final de semana. Me contou. Da última vez que o visitei, me apresentou à namorada. Gostei dela. Acho que formarão um belo par. Aliás e como sabe, casar é apenas uma formalidade, pois já vivem juntos.

- É uma ótima menina. Também gosto dela. Meu irmão está feliz e isso é importante. Sabe o que ele me propôs? Que nos casássemos juntos, aqui. Ele conversou com a Claire, que topou. Os pais dela viriam e formaríamos dois casais. Meu irmão e ela e eu e o André. Uma cerimônia simples, sem festa, apenas para a família.

- Isso é uma sondagem? Se for, pode dizer sim. Apoio a ideia. O Vitor e a Claire podem ficar aqui em casa. Ou posso hospedar os pais dela.

- Achei a ideia legal. Mamãe vai gostar de ter o filhinho sob as asas. Já falei com o André e ele topou. Nosso apartamento está pronto e estamos terminando a decoração. Tínhamos acertado que ao terminar, iríamos formalizar o casamento. Estou feliz, pai. O André idem. E fazer isso junto com o Vitor vai ser bem legal.

Com a conversa, descobri o objetivo da visita. Certamente, minha ex-mulher a tinha encarregado da conversa. Não duvido que o irmão, também. Apesar de conviver muito bem com a mãe dos

meus filhos, ainda pairava certo temor de que nos desentendêssemos. Não éramos amigos, mas tínhamos bom relacionamento. Um casamento nunca termina sem rugas, mas pelo menos conseguimos superar nossos problemas e conviver de forma civilizada. Não nos frequentávamos, falávamos poucos, mas era como se tivesse uma amiga distante. Olhei minha filha e sorri.

- Bem, agora que já deu seu recado, vou tomar banho. Quer pedir uma pizza?

- Que horror, pai. Vou ver o que tem na geladeira e preparar alguma coisa. Vamos comer de forma saudável. Afinal, não é seu lema?

Era, mas uma pizza de vez em quando não mata ninguém. Pensei, mas não falei. Levantei-me e fui para o banheiro. Ao terminar o banho, vesti-me de forma confortável e voltei à sala, ligando a TV para ver o noticiário do dia. Donna continuava na cozinha, mas não demorou muito. Quando o jornal ia começar, ela surgiu com duas tigelas na mão, entregando-me uma delas. Rapidamente, tinha feito quinua com legumes, acrescentando carne de frango desfiada. O cheio era bom, o gosto também e comemos com gosto.

- Ficou ótimo, filha. Obrigado pelo jantar.

- Se quiser mais, pai, ainda tem um pouco.

Eu estava satisfeito. Ela também. Vimos o jornal, conversamos e propus que fôssemos dormir. Ele me deu um beijo de boa noite e caminhou primeiro para o quarto. Ao chegar na porta, sorriu-me e pediu:

- Se encontrar com sua namorada antiga, você me conta como foi?

Antes que respondesse, entrou no quarto e fechou a porta. Fui para a cama sem pensar no assunto. No dia seguinte, ao acordar, a Donna já tinha saído. Se sonhei, não me lembrei. Talvez indicação de que Lara não mais povoava meus sonhos.

II

Antes de tomar café, fui para o banho. Ao terminá-lo, fui preparar o café e me surpreendi ao chegar a cozinha e encontrar a mesa posta, já com o leite servido e o pão separado. Ao lado, um bilhete com duas palavras: “Te amo”. Esquentei o leite e o pão e, enquanto esperava, abri a geladeira e tirei o mamão, comendo alguns pedaços. O microondas apitou, retirei o leite e coloquei o pão, esperando. Sentei-me e apreciei o café, pensando nas ações que seriam tomadas para dar início ao projeto aprovado pelo cliente. Ao terminar, voltei ao quarto, escolhi a roupa e me vesti. Pouco depois, sai para o escritório. Minha rotina começava com a leitura dos jornais locais e uma olhada no noticiário na internet. Depois, cuidava dos e-mails. Com estas tarefas cumpridas, tomava as outras providências para que os projetos em execução andassem. Ao montar a empresa tinha optado por trabalhar com prestadores de serviços, sem empregados, a não ser a secretária, que também fazia o papel de tesoureira.

Envolvido na rotina, o tempo passou rápido. Por volta das 11 horas, o telefone tocou. A Lise, minha secretária estava na linha.

- Seu Paulo, está na linha uma pessoa que se chama Lara. Ela quer lhe falar. Disse que o senhor a conhece. O senhor atende?

Pensei um pouco, tendendo a recusar a ligação, mas achei que era fugir do problema e aceitei.

- Conheço sim, Lise. Pode passar que falo com ela.

A Lise era ótima empregada, mas às vezes se enrolava e me deixou alguns segundos esperando, até que ouvi o estalido da transferência.

- Paulo, é você? Aqui é a Lara. Pode acreditar, sou eu mesma.

- Lara! Que grande surpresa. Como me redescobriu?

- Quem me deu seu telefone foi o Jorge. Encontrei-me com ele por acaso e perguntei por você. Ele me contou sua vida desde o dia em que fui embora. O Jorge não mudou nada.

No final, ouvi o seu riso cristalino, o que me trouxe a lembrança de outro tempo. Era próprio do Jorge falar da vida dos outros e eu, um de seus amigos mais próximos e mais duradouros, não seria tratado de maneira diferente.

- Sei bem como é. Ele não resiste. Você está de visita ou veio para ficar?

Eu já sabia que ela tinha vindo para ficar, pois contou ao Jorge e ele, logicamente, me contou. E me fez o relato completo do que a Lara lhe havia dito. Mas não quis que soubesse que sabia.

- Vim para ficar, Paulo. E é por isso que estou ligando. Queria conversar. Se achar que é conveniente, posso ir ao seu escritório.

“Você tem compromisso pro almoço?”, perguntei num impulso.

- Não tenho. Ia almoçar em casa, mesmo. O que sugere?

- Há quanto tempo não come um verdadeiro arroz de polvo? Se estiver a fim, podemos ir ao Corsário e pedir um. O que me diz?

- Pra mim está ótimo. Preciso me reacostumar com a comida capixaba e nada melhor do que o arroz de polvo ou, quem sabe, de mariscos. Que horas?

- Que tal meio dia e meio. É o horário que normalmente saio

para o almoço. Comemos e conversamos.

- Combinado. Eu te encontro no restaurante.

Por que eu a estava levando para um lugar público? Foi uma ação instintiva, sem muito pensar. Se conversássemos no escritório teríamos mais privacidade. Do que estava fugindo? Somente a voz de Lara me trouxe muitas lembranças. Talvez fosse delas que fugia.

- Lise, por favor, veja o número de que a Lara me ligou.

A secretária retornou com um número de telefone fixo e Lara tinha dito que pretendia ficar, o que indicava que se estabelecera, alugando apartamento, detalhe que o Jorge não me tinha contado, talvez por não saber. Na conversa certamente ela me contaria. Era só esperar. Voltei, então, às minhas tarefas, mas imagens da Lara do tempo em que estávamos envolvidos ficaram povoando minha cabeça. O tempo passou rápido e, quando vi, já era 12h10.

- Lise vou almoçar. Talvez demore. Se alguém me ligar, peça para me ligar no celular.

Cheguei alguns minutos atrasados e corri os olhos pelo salão, encontrando-a em um dos cantos, local discreto e distante dos olhares curiosos. Aprovei a escolha. Ao me ver, abriu o sorriso e levantou-se para me receber.

- Você não mudou nada, Paulo. Só os cabelos e a barba que ficaram grisalhos. Ganhou ainda mais charme, sabia?

Durante alguns segundos fiquei olhando-a, sem palavras. Voltando mais de 20 anos, era a mesma mulher que, ao acordar, não tinha mais encontrado ao meu lado e de quem, até encontrar-me com o Jorge, nunca mais tinha ouvido falar. Sim, estava mais velha, mas ninguém dizia que tinha mais de 50 anos.

Aproximei-me e a abracei, beijando-a nas faces, procurando desesperadamente não chamar a atenção de ninguém. Sentamo-nos.

- Acho que poderia passar mil anos que a reconheceria, mesmo que tivesse mudado, o que não aconteceu. Tomou o elixir da juventude?

Ela não respondeu, mas continuou olhando-me, como se me avaliasse. Senti-me incomodado e pareceu perceber. Era impressionando como a Lara me lia, antecipando o que faria e o que diria. Achei que não tinha perdido o traquejo. Esperei.

- Queria te fazer uma surpresa. Acho que consegui, não foi?

- Você parece uma aparição, mas das boas. Por que voltou?

Foi a vez dela ficar em silêncio e vi seus olhos se turvarem, em uma mudança rápida, que denotava – pelo menos quando estávamos juntos – preocupação. Olhando-a, era como um déjà vu. A Lara em pessoa, capaz de um comportamento “normal” no meio do maior pânico e como quem simplesmente tinha saído para comprar pão e voltava. Não tinha sido assim. Ela havia sumido há quase 30 anos. E ali estava me olhando, impassível. Quando falou, contornou a pergunta.

- Sabe que senti muitas saudades sua? Pensei várias vezes em voltar e te procurar, mas não tive coragem. Depois, soube que tinha casado e não quis atrapalhar sua vida. Pode parecer estranho te dizer agora, mas foi o único homem que amei de verdade. Por mais que tenha tentado, nunca consegui esquecê-lo e sempre quis voltar para, pelo menos, explicar meu sumiço, pedindo-lhe que me perdoe.

Nos dois anos em que ficamos juntos eu havia me tornado especialista em Lara e era capaz de lê-la como a um livro aberto. Vendo-a e ouvindo-a, senti que dizia a verdade. Sua voz transmitia sinceridade. Mas quanto a me amar e a ter ido embora, os quase 30 anos foram suficientes para desfazer a raiva que senti – e a mágoa que havia ficado. Aos poucos a vida entrou novamente na rotina, encontrei a mulher com quem me casei, tive dois filhos e vivi feliz por muitos anos. A Lara tinha ficado no passado distante e já não me assombrava mais.

- Para ser sincero, Lara, fiquei com raiva, muita raiva quando sumiu. E também magoado. Mas o tempo cuidou de apagar a raiva e a mágoa. No final, ficaram as boas lembranças e parei de questionar a razão de ter partido sem nada me dizer.

- Nem eu mesmo sei Paulo. Me deu a louca. Você tinha um bom emprego, mas eu não. Meu pai é que me sustentava e queria ser independente. Mandeí currículos para muitos lugares e acabei recebendo boa proposta do Rio. Não quis lhe contar. Viajei com a intenção de voltar, mas fui contratada e comecei a trabalhar de imediato, mergulhando profundamente no emprego. Era o que queria. Quando vi, o tempo tinha passado e não tive coragem de procurá-lo e me explicar. Se me pedisse para ficar, não teria resistido. Ficaria. E queria muito me tornar profissional. Não queria ser apenas a “mulher do Paulo”. E era no que me transformaria se ficasse aqui.

- Bom, pelo menos tenho uma explicação. Mas por que está voltando? Se é que está?

A resposta veio logo, muito maior do que a pergunta e com dados adicionais.

- Sei que tentou me rastrear e chegou quase a me achar. Entendi quando desistiu e tocou sua vida em frente. Foi o que também fiz. Tal como você, me casei. No entanto, não tive a felicidade de ter filhos, o que colocou fim ao meu casamento. Meu ex-marido queria filhos, mas não aceitou adotar. O casamento foi ficando ruim até acabar. Não quis me casar de novo, preferindo ficar solteira. Desde então, pensei em voltar. Agora, surgiu a oportunidade. A empresa onde trabalho tinha uma vaga aqui em Vitória e me ofereceu o lugar. Relutei. Mas pesou o fato de meus pais viverem aqui e já estarem velhinhos. Seria a oportunidade de ficar mais próxima deles. Aceitei. Tem três meses que voltei. Mas não tive coragem de procurá-lo.

E foi então que, por acaso, Lara tinha encontrado o Jorge, reconhecendo-o, embora ele não a tivesse reconhecido. Foi quando

perguntou por mim, sentaram-se, tomaram café e meu amigo lhe fez o relato da minha vida, como se fosse um romance. Tinha lhe contado que, assim que se foi, dormi com todas as mulheres que apareceram e foi nessa busca que por acaso encontrei aquela que se transformaria em esposa. Casei-me e logo veio o primeiro filho. Três anos depois, o segundo. Minha vida se estabilizou. Os filhos cresceram e, ao mesmo tempo, cresci na profissão. Donna estava com 25 anos e tinha acabado de passar em um concurso da Justiça, começando a trabalhar. Vitor, meu filho tinha ido fazer intercâmbio nos Estados Unidos e lá ficou. Ainda estudante e junto com colegas fundou uma startup que, um ano depois, havia sido comprada pela Apple, o que lhe proporcionou dinheiro suficiente para viver confortavelmente. Ele foi um dos ativos da empresa absorvido na compra. Era Diretor de Criação, estava feliz no emprego e na vida, com namorada firme, caminhando para o casamento. Minha ex-mulher, que não pertencia ao mundo do jornalismo, conhecia minha história, mas meus filhos pouco sabiam dela, apenas o que viveram. Nenhum dos dois, no entanto, sabiam da Lara. O Jorge disse a ela que, uma vez, me perguntou o porquê de não lhes contar e que teria dito que não achava importante.

- Eu sabia que tinha casado e tinha filhos, mas não que o casamento havia acabado. Foi o Jorge que me contou. Depois que soube, você não me saiu da cabeça. Senti vontade de revê-lo, de conversar, de saber como estava. O Jorge gosta de fantasiar. Eu tinha de checar por mim mesma.

Lara ainda estava em fase de se acomodar em Vitória. Havia alugado um apartamento amplo e confortável em Jardim da Penha e ainda o estava arrumando e montando. Ao pegar suas coisas antigas, que ficaram na casa dos pais, descobriu uma chave com a etiqueta de identificação dizendo “Ap. PCR”. A chave era o meu apartamento, para onde tinha voltado depois da separação. Foi nele que, juntos, passamos dois bons anos. Alguma coisa ficou lhe coçando e decidiu fazer-me uma visita, sem que estivesse presente. Chegou ao prédio no meio da tarde do dia seguinte ao encontro com o Jorge e disse ao porteiro que iria arrumá-lo, exi-

bindo a chave. Eu não tinha avisado nada, mas o porteiro se convenceu e deixou-a subir. E ela efetivamente tinha feito a arrumação. Não que eu tenha notado detalhes, mas a Donna me contou que encontrou a casa toda arrumada e cheirosa. Saiu no final do dia, temendo que eu chegasse e a encontrasse.

- Acho que o Jorge poderia usar sua história para uma novela, Lara. É no mínimo imaginativa e, posso assegurar-lhe, muito improvável. Você nunca foi boa em mentir e confirmou isso agora. O que está escondendo?

Ela baixou os olhos e ficou em silêncio. Fiquei observando-a, vendo as pequenas mudanças que lhe ocorreram e as reações que tentava controlar. Ao longo da carreira jornalística, aprendi a observar meus entrevistados, identificando tiques e expressões que podiam me levar a ser mais agressivo nas perguntas ou a procurar um meio de fazer o entrevistado relaxar. A Lara estava tensa. Não tinha dúvida. Mas nada fiz. Permaneci em silêncio, esperando. E foi então que vi que faria a única coisa que é capaz de me desestruturar: iria chorar. Não queria uma cena.

- Esquece Lara. Vamos aproveitar o almoço. Vamos deixar o passado de lado.

Ela balançou a cabeça em concordância e de forma discreta enxugou a lágrima que tinha se formado, mas que não caiu.

- Desculpe Paulo. Acho que foi um erro te procurar. Acabei por reabrir as velhas feridas. Me perdoa por ter partido e por continuar a amá-lo.

Suas feições haviam mudado, tomando um aspecto mais duro e decidido, algo que tinha visto milhões de vezes quando começava a internalizar uma decisão. Pensei que ela se levantaria e partiria, deixando o almoço de lado. Esforçou-se e me dirigiu um sorriso tímido. A chegada dos pedidos nos salvou. Servimo-nos e apreciamos o ótimo arroz de marisco, que ela tinha preferido ao de polvo. Comemos em silêncio. Ela pediu sobremesa, eu um café. Ao terminar, suas feições tinha novamente mudado, suavi-

zando-se.

- Sabe, Paulo, os dois anos em que praticamente vivemos juntos foram os meus mais felizes. Pena que tenha descoberto tarde, quando não podia voltar. Como lhe disse, sempre te amei. E vou continuar a amá-lo. Senti sua falta, não só pelo sexo, mas pelas conversas, pelos conselhos, por me ensinar a ser cética e não aceitar as coisas à primeira vista. Eu cheguei ao seu apartamento sendo uma menina e sai mulher, muito diferente. Você não tem ideia de quanto me ajudou.

Lara estava falando sério e o seu tom de voz confirmava. Com os anos, sua voz tinha ficado um pouco mais rouca, mas ainda assim bela e melodiosa. Lembrou-se do nosso primeiro encontro e em como me achou estranho e metido, estranhando que, ao contrário dos outros colegas jornalistas, não tenha feito nenhum movimento para conquistá-la ou levá-la para a cama. Conquistar-me foi um desafio, mas ao conseguir descobriu que tinha sido conquistada.

- Minha intenção era conquistá-lo e deixá-lo. Não consegui. Você era diferente dos outros homens com quem tinha me relacionado. Sabia ouvir, compreendia como eu era, respeitava minha individualidade, nunca quis se transformar em meu dono. Infelizmente, só descobri essas diferenças muito tarde. Você me conquistou sendo diferente, não me exigindo nada. Talvez tenha sido por isso que meus relacionamentos nunca deram certo. Vivia comparando os outros com você e eles sempre perdiam.

Tal como a jovem que tinha ido para a minha cama, Lara não era econômica em palavras e me fez um resumo de sua vida, do fracasso no amor ao sucesso profissional. Teve poucos e constantes relacionamentos e um deles a levou ao casamento, desfeito, como já tinha contado, devido à falta de filhos. Durante uns anos, foi feliz. Ou achou que era, mas no fundo havia sempre uma sombra, que era sua ligação comigo. Como nos velhos tempos, fui paciente. Ouvi a história da vida dela até o momento do encontro com o Jorge, quando descobriu que estava novamente

solteiro. Acho que pensou que também iria contar minha história, parte da qual o Jorge lhe tinha contado. Às vezes, fico pensando que amigos são pra essas coisas. Ele dera a entender que não tive um casamento feliz, o que não era verdade. Se não deu certo depois, devo à ex-mulher a estabilidade vivida por anos, o que me permitiu, em determinado momento, deixar de lado a redação e entrar em uma vida mais amena, mais controlada, de menos trabalho e ganhos melhores.

- Ninguém tem vida fácil, Lara. Estamos sempre tentando acertar, mas as vezes não conseguimos. Costumo dizer – e você ouviu isso muitas vezes – que não me arrependo do que fiz. Foram decisões que, à época, pareciam as mais adequadas. E uma delas foi pedir que se casasse comigo. Você riu. Achou que estava brincando. E depois, sumiu. O que eu poderia pensar?

- Tive medo, Paulo. Durante o curso e nos dois anos que ficamos juntos ouvi muitas histórias de casamentos fracassados de jornalistas. Não queria ser mais uma a fracassar. Queria continuar com você, mas não me casar. Mas vi que não podia ter tudo. Acho que foi por isso que acabei indo embora. Iria insistir e acabaria não resistindo. Então, fugi. Você encontrou outra, casou-se e teve filhos, como queria. Acabou sendo mais feliz do que eu. Talvez tenha merecido pelo que lhe fiz.

- Não diga isso. Quando decidi se afastar, achou que era o certo. Hoje, olhando para trás, acha que não. Não se martirize. Não vale a pena. Se quer saber, não a culpo. Também fui responsável pelo seu afastamento. Foi você que me fez ver que podia viver fora da vida louca e desregrada da maioria dos jornalistas. Graças a isso tive um casamento que durou anos e, como lembrou, dois ótimos filhos.

Conversamos por mais um tempo, pedi a conta e não a deixei participar na hora de pagar. Ela tinha chegado de táxi e ofereci-me para deixá-la em casa. Aceitou e fomos conversando. Chegamos, Lara abriu a porta, mas antes de sair me olhou séria.

- Paulo, se convidá-lo para vir jantar comigo, você aceita?

- Ah, aprendeu a cozinhar? É claro que aceito, mesmo que você só peça uma pizza.

Ela sorriu com a brincadeira, esticou os braços, segurou meu rosto e me deu um beijo nos lábios. Virou-se, desceu do carro e saiu sem olhar para trás.

A semana passou rápido, pois tinha muito que fazer. O final de semana chegou e, só então, é que notei que a Lara não tinha ligado novamente confirmando o convite para o jantar. Podia ter ligado para ela, mas não o fiz. Tinha tido uma semana corrida, tocando vários projetos ao mesmo tempo, e preferi me refugiar em casa, descansando, colocando a leitura em dia e aproveitando o final da tarde para caminhar na praia, tomar uma água de coco e jogar conversa fora com os amigos que encontrasse. Quase consegui. No sábado pela manhã a Donna me ligou.

- Pai, eu e André vamos a Pedra Azul. Você não quer ir e almoçar conosco?

Era uma boa oportunidade de ter a companhia da Donna e de quem seria o seu futuro marido. Os arranjos para o casamento, que reuniria também o Vitor e a Claire, já estavam sendo feito pelos dois. Aceitei e combinamos de me pegarem em casa, saindo direto para a montanha. Assim que entrei no carro a Lara virou assunto da conversa.

- E então, pai. Encontrou-se com a sua antiga namorada? O que achou dela?

Acho que lá no fundo a Donna tinha o desejo de que arrumasse uma namorada firme. Nunca o disse claramente, mas vivia reparando que estava sozinho, sem companhia, e que ela não podia ficar sempre comigo, pois tinha sua vida, o namorado, o trabalho, etc. Eu me considerava bem do jeito que estava. Tinha meus en-

contros – todos fora de casa – mas desde a separação não tinha tido interesse em ter uma namorada firme e, muito menos, alguém que fosse morar comigo.

- Almocei com ela no Corsário. Comemos um arroz de mariscos. Ela falou um pouco do passado, mas pedi que virasse a página. Após o almoço a deixei em casa e me convidou para um jantar. Estou à espera de confirmação.

- Não acredito que seja só isso, pai. Por que ela o procurou depois de tanto tempo?

- Donna, essa pergunta deve ser feita a ela, não é? No almoço, afirmou que queria ver se estava bem. Ela sabia que tinha me casado e tinha filhos, mas não que estava divorciado. O Jorge contou pra ela e, então, quis me ver. Ou pelo menos foi o que disse.

- Não acho que seja só isso, pai. Ela o convidou para jantar, não foi? Acho que está preparando alguma coisa. Pode ser um jantar romântico para lembrar os velhos tempos.

- Acho que já passei da fase do romantismo. Por isso, não espero nada. Mas como aceitei o jantar, se ela o oferecer, comparecerei.

Durante um tempo o silêncio reinou no carro. O André estava concentrado na direção e a Donna ficou um tempo pensativo. Eu, de momento, não tinha nada para falar, mas acabei tomando a iniciativa.

- E como vão os arranjos para os casamentos? Já acertaram a data?

“Estamos conversando”, disseram o André e a Donna em uníssono, e ela acabou rindo.

Ela tinha conversado com o Vitor, que conversou com a Claire. A ideia estava aceita, faltando sincronizar as datas, principalmente por causa da vinda dos pais da noiva do Vitor dos Estados Unidos. O que tinham pensado era no mês de setembro, aprovei-

tando os feriados da semana da pátria. Mas era apenas uma ideia. Nada fechado. A partir daí, na ida, na volta e no almoço, falamos de coisas pessoais, de projetos, de trabalho, com minha filha e seu noivo se concentrando mais nos sonhos que tinham: casar-se, viajar, ter filhos, vê-los crescer, etc. Eu já tinha passado por isso e meu sonho era viver uma vida tranquila, aliás, como vinha vivendo. O dia passou, muito agradável, e chegamos à noite. Quando entrei no apartamento o telefone estava tocando. Atendi. Era a Lara.

- Paulo, que bom que atendeu. Desculpe estar ligando em cima da hora, mas que tal vir para minha casa. Vou reunir alguns amigos e gostaria de ter sua companhia. Não é, ainda, o jantar que lhe prometi. Este será outra hora, especial. Agora é apenas uma reunião. E então, aceita?

Ela fez uma pausa, à espera da resposta. Quis saber mais: que horas começava, que tipo de pessoas iria, como me vestir, etc. Eram apenas amigos do trabalho, revelou, que se reuniriam informalmente. Como nova na equipe, ela estava buscando integração e lhes ofereceu a casa para o encontro. No total, não seriam mais do que seis, sete pessoas, nenhuma multidão.

- Quer saber, aceito. Vou tomar banho e trocar de roupa. Vou chegar um pouco atrasado.

Ao tocar a campainha do apartamento da Lara, encontrei-a sorridente do outro lado da porta e descobri que os outros convidados haviam chegado. Com ela, eram oito pessoas. Três mulheres e cinco homens. Fui apresentado, apertei mãos, dei beijinhos, sorri e me senti um peixe fora do aquário ao descobrir que o informal deles era bem formal para mim. Ali estavam algumas pessoas que tinham cargo de mando na empresa e eu os tinha visto no jornal e na TV, eventualmente. O descontraído deles era ter tirado a gravata e o paletó, no caso dos homens. Nos das mulheres, nenhuma mudança. Todos, sem exceção, estavam de roupas sociais. Eu, não. Tinha colocado jeans, tênis e fiz a concessão de usar uma camisa de manga comprida, fora da calça. E para completar, usava

cabelos um pouco longos e barba.

- O que você vai beber, Paulo?

Antes de responder, olhei ao redor. A maioria dos homens estava tomando vinho, o que se repetia com as mulheres, incluindo a Lara. Eu podia experimentar o vinho, excelente, não tinha dúvida. Mas já que era o diferente no meio deles, ia me manter assim.

- Para mim, água, por favor.

Não vou me lembrar de nomes, mas um dos gerentes, que estava mais próximo, olhou-me com surpresa e comentou: “um jornalista que não bebe?”. A Lara ficou apreensiva, mas sorri e respondi: “quem sabe não é por que já tomei a minha cota e um pouco mais?”. As pessoas sorriram e recebi o copo de água, sentei-me e procurei entrar no ritmo da conversa. Aguentei o máximo. Não gostava de festas e muito menos de formalidades. Tão logo o jantar terminou, alegando cansaço, voltei para casa. Ao sair vi o olhar decepcionado da Lara. Paciência!

Acordei mais tarde no domingo e fui tomar o café da manhã na padaria próxima de casa. Acabei encontrando conhecidos e fiquei conversando, retornando por volta do meio dia. Quando entrei, o telefone estava tocando. Vi que era o número da Lara e não atendi. Descalço e com uma bermuda velha e confortável, peguei o livro inacabado e me dediquei a terminá-lo. O tempo passou e a fome chegou. Pensei em pedir comida, mas achei melhor descer e ir ao restaurante, pensando em pedir carne de porco. No trajeto do elevador ao carro, o celular tocou, um número que não conhecia. Apesar de usar com intensidade, não sou muito amigo de telefone celular, evitando-o nos finais de semana e só atendendo quem está cadastrado – meus filhos e alguns amigos. Como não atendi, vieram uma segunda e terceira tentativas. Depois, ele emudeceu. Almocei calmamente, tomei uma cerveja e voltei para casa. Ao chegar, o telefone estava tocando novamente. De novo, a Lara. Deixei-o tocar até que ela desistiu. Preparei um café expresso, peguei o livro e fui para a varanda, ocupando minha poltrona fa-

vorita e voltei à leitura, terminando-a. Vi dois documentários e fui dormir.

Segunda pela manhã não fui ao escritório, mas direto para dois compromissos com clientes, um dos quais era a entrega de trabalho. Ao terminar o segundo encontro, como já estava na rua, decidi almoçar antes de retornar. Cheguei ao escritório por volta das 2 horas da tarde e, ao entrar, a Lise me passou os recados que tinha anotado. Um deles era da Lara. Ao me entregar o papel com o número de um telefone, a secretária me informou que ela tinha ligado várias vezes e pediu que, assim que chegasse, não deixasse de ligar para ela. Agradei, terminei de entrar, liguei o iMac, chequei os e-mails e fiquei pensando no que a Lara estava pretendendo e descobri que não tinha a mínima ideia. Coloquei o pensamento de lado e me concentrei no que tinha de fazer. O dia passou, a secretária se foi e fiquei até mais tarde para concluir o texto de um relatório. Estava dando uma relida, antes de enviá-lo para a revisão quando a campainha tocou. Levantei-me, fui até a porta e olhei pelo olho mágico.

- Lara, o que está fazendo aqui? Houve algum problema?

- Fiquei muito preocupada, Paulo. Liguei para você no domingo e não me atendeu. Procurei-o hoje e não o encontrei. Eu é que deveria perguntar se houve problema?

- Comigo, problema nenhum. Se não a atendi é por não estar em casa. Sai sem o celular e só voltei à noite. Recebi seu recado e ia te ligar à noite. Mas vejo que se adiantou.

- Fico aliviada de ver que está tudo bem e, ao mesmo tempo, meio decepcionada por não me dar atenção. Mas eu mereço.

- Não seja dramática, nem faça drama, por favor. Sinceramente, não entendo sua reação.

Estávamos em pé e voltei à minha mesa, sentando-me. Ela me seguiu, puxou a cadeira e também se sentou, encarando-me.

- Desculpa, Paulo. Você sempre foi lógico e tem razão. Não há motivo para que eu reaja como reagi. Mas sou emocional e não resisti. Ao reencontrá-lo vi voltar os momentos que passamos juntos e redescobri o que é se sentir amada e protegida. E não só isso, voltou o que sempre senti por você, mesmo o que nunca admiti para mim mesma. Já lhe disse e vou repetir: eu o amei, muito, e continuo a amá-lo. Sei que não tenho o direito de lhe pedir nada, até porque fui eu a partir sem dar explicações, jogando o amor no lixo. Prometi que não faria isso, que não voltaria a lhe repetir que o amo, mas é exatamente o que estou fazendo. Não consigo evitar. Mas uma vez cometi um erro e estou pagando por ele. Se disser que não me ama, vou-me embora e nunca mais o procuro.

- Por favor, Lara. Nada de dramas. Sendo lógico, como já afirmou, não tenho tanta certeza assim do que sinto e como me sinto. Seja paciente e me dê tempo. Afinal, como se sentiria se depois de quase 30 anos em que tivesse desaparecido eu retornasse e a procurasse, afirmando que ainda a amava. É uma situação bem estranha e ainda a estou deglutindo. Se pensou que não a respondi de propósito, está enganada. Foram as circunstâncias e eu garanto-lhe, iria ligar. Vamos devagar, sim!

Com exceção do não atendimento de suas ligações, estava sendo sincero. Alguns amigos dizem que sou cerebral, que sempre analiso os prós e contras de todas as coisas, que penso demais. Talvez seja assim mesmo, mas gosto de tomar decisões com certeza do que estou fazendo. E não ia me atirar nos braços da Lara ou aceitar que se atirasse nos meu até entender meu próprio sentimento. Sim, gostei de vê-la, de saber que tinha retornado e até fiquei contente quando disse que me amou – e ainda amava. Realmente, precisava de tempo.

- Acho que desde a hora que o reencontrei o que mais tenho feito é pedir desculpas. Achei que estava preparada para a volta e para vê-lo, falar com você. Não estava, como não estou. Até parece que voltei no tempo, retomando a insegurança da juventude. Desculpe e, ao mesmo tempo, obrigado. Use o tempo que quiser. Vou esperar sem questionar.

Lara fez menção de se levantar e pedi que esperasse, pois desceria com ela. Quando chegamos ao elevador, perguntei-lhe se estava de carro. Não estava. Tinha vindo de táxi e ofereci-me para novamente deixá-la em casa, o que aceitou. Até Jardim da Penha o trajeto foi feito mais de silêncio do que de diálogo. Parei o carro quase em frente da portaria do seu prédio e a olhei nos olhos, sendo retribuído por um tímido sorriso. Eu não esperava, mas como da primeira vez, pegou-me o rosto e me deu um beijo. Reagi, puxando-a para mim e dando-lhe um longo beijo. Ela deixou o carro sorrindo.

Uma semana se passou em silêncio. Pensei bastante na Lara, principalmente na parte sexual de nosso relacionamento e comecei sentir necessidade de sexo. Liguei para uma conhecida, com quem tinha saído algumas vezes, e perguntei se não topava sair comigo. Ela inverteu a proposta e me chamou para o apartamento dela. Fui e tivemos ótimos momentos. Sai saciado e muito mais relaxado. Não era o único com quem dormia, mas não me importava, até por não querer nada sério. Ela queria que dormisse na casa dela, mas não aceitei, voltando ao meu apartamento. O desejo pela Lara foi aplacado, mas não esquecido. Aparentemente, meu corpo lembrava e queria refazer a experiência. Mas, pelo menos de momento, não iria satisfazê-lo. Os dias foram passando, marcados pela rotina do trabalho. A quinta-feira chegou e, logo depois de a secretária ter saído, o telefone tocou. Hesitei, mas atendi.

- É a Lara, Paulo. Não me esqueci da promessa do jantar e é por isso que estou ligando. Que tal a gente jantar na sexta-feira? Se aceitar, vou caprichar na comida. Prometo.

Há muito tempo que não programava nada para as sextas-feiras à noite. Normalmente, ia para casa, colocava o pijama, via televisão e, antes de dormir, fazia um lanche. Pensei que seria bom mudar um pouco a rotina.

- Se tem certeza que quer fazer isso, aceito. Só assim vou comer algo decente em uma sexta-feira à noite.

Rimos da brincadeira e ficamos combinados. Acabei tendo um dia agitado na sexta e não consegui ir em casa antes do jantar. Sai do escritório direto para a casa da Lara, encontrando-a, não na nova, mas na velha versão: cabelos soltos, vestido largo e confortável e sem maquiagem. Fiquei impressionado com a pouca mudança em relação à mulher que, por dois anos, havia ficado ao meu lado e dormido comigo. E fiz-lhe esta observação. Ela sorriu, parecendo genuinamente satisfeita.

- Obrigada por vir. Sente-se e escolha o que quiser beber. Estou terminando e já volto.

A mesa estava posta, só faltando a comida, que veio logo depois. Eu estava tomando cerveja e ela me acompanhou. Sentamo-nos e, lembrando a antiga Lara, ela me serviu, colocando pequenas porções do que eu mais gostava. Quase 30 anos depois, ela se lembrava. Foi uma das poucas sextas-feiras, depois de minha separação, que comi com gosto. Recusei a sobremesa e ficamos conversando. Ela se abriu mais sobre as razões de ter ido embora, lembrou fatos de sua vida e carreira e chegou à decisão de voltar, que não foi motivada para me encontrar. Estávamos sentados lado a lado e podia sentir o calor de sua coxa colada à minha. Comecei a ficar excitado e logo arranjei uma desculpa para ir embora, mas fiquei um pouco mais, mas não sei por quanto tempo. A certa altura e no meio de algo banal, a Lara segurou minhas mãos e olhando-me nos olhos, da forma mais cândida, emendou:

- Quero dormir com você.

Em segundos, o filme de dois anos em que estivemos juntos me passou pela cabeça. Se fechasse os olhos podia recordar como tudo começou. A situação era quase idêntica a atual e a Lara havia me surpreendido com a mesma proposta. A grande ironia é que, tal como na primeira vez, eu queria dormir com ela.

- Eu já ouvi esta proposta uma vez.

Ela não me deixou continuar, enlaçando-me em um abraço e me dando um longo e quente beijo, nos deixando ambos ofegantes.

Pude sentir seus seios contra o meu peito, o seu perfume e comecei a ter uma ereção. Lara percebeu e senti sua mão correndo pela minha coxa até chegar à virilha e, dela, ao volume do pênis já parcialmente ereto, que segurou apertando gentilmente. Sem nada dizer, me puxou em direção ao quarto e cuidou de me despir, empurrando-me para a cama, de onde observei ela se desnudar. Acordei no domingo inteiramente nu sob o cobertor e ao virar-me deparei com o seu olhar. Estava também completamente nua, sentada e me observando.

- Obrigada, Paulo.

Eu a puxei, sentindo o peso de seu corpo sobre o meu. Afastei o cobertor e nos enrolamos, aos beijos. Fizemos amor bem devagar, aproveitando. Ela teve um primeiro orgasmo e a levei a um segundo antes de também ter o meu. Ficamos ali, lado a lado em silêncio. Novamente me lembrando de tempos passados, ela se colocou de lado e ficou brincando com os pelos do meu peito. Aos poucos, sua mão foi descendo e, de novo, encontrou meu pênis, segurando-o e massageando-o gentilmente, o que me provocou nova ereção. Em uma de suas posições preferidas, se pôs sobre mim e me montou, subindo e descendo, subindo e descendo, até que seus movimentos ficaram mais rápidos, os músculos da vagina se contraindo.

- Vou gozar, vou gozar, vou goooooozaaaaaaar.

Ela relaxou e praticamente caiu sobre mim, ofegante. Ficou imóvel até sua respiração voltar ao normal. Esperei em silêncio. Não queria quebrar o momento mágico que vivemos. Ali – e com Lara – o sexo era mais do que necessidade física, transformando-se em puro prazer. E eu queria mais.

IV

Acordei com o sol batendo no meu rosto, virei-me e me senti totalmente deslocado, como se fosse um ambiente desconhecido e hostil. Virei-me para o outro lado, fugindo da claridade, e só então me dei conta onde estava. Chutei a colcha que me cobria e espreguicei, alongando. Os músculos estavam relaxados e não era para ser diferente. Levantei-me e fui direto para o banheiro, observando que havia uma segunda toalha, enxuta e à minha espera. Regulei a temperatura do chuveiro e tomei um banho demorado. Ao sair nu, Lara estava à minha espera. Sorri, mas não disse nada. Apanhei as roupas e as vesti. Ela então me fez sinal e a segui em direção à cozinha, deparando-me com um completo café da manhã. Esta, seguramente, era uma nova faceta dela. Do todo, um pequeno detalhe me chamou a atenção: o leite era sem lactose.

- Como descobriu que tomo leite sem lactose?

- Não descobri. É o que tomo, pois sou intolerante à lactose. Como não tinha planejado nem esperava que ficasse aqui, é o único que tenho. Então, eu o servi, achando que não iria se importar. Que bom que acertei sem querer.

Será? Até prova em contrário, tinha de acreditar nela. Descobri-me com fome e me dediquei ao café, começando pelos ovos mexidos, passando para um ótimo bolo e terminando com o café com leite. Estava mais do que satisfeito. A Lara tinha comido frugalmente e ficou me observando durante todo o tempo, esperando.

- Lara, obrigado pelo ótimo café da manhã. E obrigado pelo convite para o jantar e tudo mais. Há muito não fico tão satisfeito, em todos os sentidos. Foi uma noite perfeita e você foi a responsável por ela.

- Também gostei, Paulo, mas quero deixar claro que não foi planejada. Se me perguntasse se queria, diria com certeza que sim. De início, seria apenas um jantar, oportunidade de tê-lo por perto, de sentir o que pensa a meu respeito. Imaginei que, no final, ganharia um beijo terno de boa noite e que iria embora, deixando-me sozinha, cheia de desejo. Queria – e quero – sua companhia, mas não apenas para me satisfazer, mas que também o satisfaça e que seja uma coisa que tenha sua concordância ou iniciativa.

- Para ser sincero, Lara, pensei em recusar o jantar. Não via muito sentido formar um par romântico, mesmo que só na imaginação. E não tinha a dimensão de quão funda era minha ligação com você. É amor? Não sei. Mas admito que é uma ligação diferente. E não só pelo sexo, que é ótimo. Há algo mais que não sei explicar.

Pela primeira vez eu falei abertamente sobre nosso relacionamento e como me senti quando ela partiu, chegando no fundo do poço. Talvez não soubesse, mas não tive a intenção de conquistá-la, embora quisesse levá-la para a cama, no que não era o único. Tentei, mas me escanteou. Até que um dia, com o mesmo olhar de candura da noite anterior, foi direta: “Quero dormir com você”. É lógico que fiquei surpreso, mas não pisquei para aceitar. A Lara era diferente. Nos dois anos que ficamos juntos fui seu único homem, contraste com as namoradas de outros colegas, que não perdiam a oportunidade de trocar de parceiros. Não que alguém se importasse, mas enquanto durou foi bom ter a exclusividade. Eu a via como uma espécie de Dr. Jeckill e Mr. Hyde. Em público, era recatada e embora ouvisse todo tipo de sacanagem, não falava nada. Nas piadas mais pesadas, corava. A sós comigo no quarto, era diferente, transformando-se na perfeita cortesã. Para completar, era inteligente, antenada e descolada, com opinião própria, não se deixando levar pelos outros.

- Nunca pedi para me explicar seus sentimentos. Eu o aceitei do jeito que era. Não quis modificá-lo, deixá-lo ao meu jeito. Amava você e o tinha ao meu lado, na minha cama, fazendo amor comigo, me dando carinho. Não precisava de mais nada. E fiz a burrice de ir embora. Ao reencontrá-lo, tudo isso me voltou e senti um desejo físico de voltar no tempo, o que sei não ser possível. Mas imaginei que poderia, sim, ir com você para a cama. E me prometi que tentaria reconquistá-lo, sem saber que já tinha me conquistado e muito mais do que a primeira vez. Hoje, ao acordar, depois de muitos anos me senti completa e feliz. E você foi quem me proporcionou ambas as coisas. Agora, como antes, a única coisa que preciso é de você.

Eu entendia de estabilidade e sabia do que Lara estava falando. Havia passado dois ótimos anos com ela, quase outros dois vivendo desregradamente e, depois, mais de 20 em um casamento estável. Tinha quase três anos que ele havia acabado, mas não senti nenhum desejo de voltar ao modelo de uma mulher a cada dia – ou quase. Também não havia me ligado a ninguém, mas tive namoradas ocasionais e amigas – ou pelo menos as chamava assim – com quem, eventualmente, ia para a cama, como tinha feito na semana anterior. Sentado à mesa de café de alguém que, até bem pouco tempo, julgava que nunca mais veria, estava diante de um dilema. Como eu o iria resolver, só o tempo diria. Mas estava certo que teria de resolver e foi pensando no assunto que me propus a sair. Lara não me pediu para ficar. Beije-a e ia sair quando pegou a chave do apartamento e propôs.

- Fique com a chave. Assim pode vir a hora que quiser. Não precisa me avisar. Se chegar e encontrá-lo, vou ficar feliz.

- Obrigado, mas não é assim que funciona para mim. Não quero prometer nada. Vamos nos falando.

Lara ficou à porta, esperando que o elevador chegasse. Ao entrar no elevador, voltei-me e lhe lancei um beijo. Ela jogou outro, sorrindo. O contraste de luz e sombra deixava sua silhueta nítida e destacava as curvas do seu corpo. Achei-a bela.

#####

Donna, sempre que nos encontrávamos, vivia me perguntando sobre namoradas. Ela se incomodava de me ver sozinho. No fundo, seu desejo é que eu e sua mãe vivêssemos juntos, mas sabia não ser mais possível. Preocupava-se comigo e por estar sozinho, sem uma mulher ao lado. Tínhamos combinado de almoçar e, ao chegar, já a encontrei à espera, que me beijou e ao sentarmos, ficou me olhando fixo durante alguns segundos.

- Você está diferente, com uma cara mais feliz. O que está acontecendo? Espera, não diga. É a sua antiga namorada, não é? Acertei?

Admiti que tinha acertado e ela quis saber como foi o reencontro. Fiz-lhe um resumo, falando sobre o jantar, mas omitindo a parte do sexo. Vínhamos, desde então, nos encontrando. Às vezes, na casa dela. Outras vezes, na minha. Acho que estávamos namorando, mas não sabia se era firme ou não. Não tínhamos planos de morar juntos, mas gostávamos da companhia um do outro. Ao mesmo tempo, cada um tocava sua vida profissional. Era um experimento que, por enquanto, vinha dando certo.

- Quando é que vai me apresentar pai?

Fiquei surpreso com a pergunta, pois achava que, por ciúmes da mãe, Donna não desejava encontrá-la. Fiz um comentário ocasional. Ela reagiu.

- Você sabe que gostaria de vê-lo e mamãe juntos, mas não acredito que acontecerá. Sei que ela foi feliz ao seu lado e que o casamento lhe deixou ótimas lembranças e os dois filhos – eu e o Vitor. Vocês não tem se encontrado, mas ela está feliz, pai. E não quer mudar o seu novo estilo de vida. Acho que você precisa muito mais de companhia do que ela. Se a Lara lhe fizer feliz, terá meu apoio.

- Obrigado, filha. É bom ouvi-la falar assim. Na hora certa, conhecerei a Lara.

O assunto Donna versus Lara voltou à baila alguns dias depois. Cheguei em casa depois do trabalho e descobri que a Lara me esperava e me surpreendeu com um pequeno jantar íntimo. Pensei que, neste aspecto, a Donna tinha razão, pois estava comendo melhor, com mais qualidade e mais saudável nos dias que a Lara cozinhava. No meio do jantar, ela me surpreendeu.

- Gostei de sua filha, Paulo.

- Você se encontrou com a Donna? Foi ela quem a procurou?

- Foi um encontro casual, em um coquetel. Estava próxima dela e ouvi alguém perguntar por você. Fiquei curiosa e na primeira oportunidade perguntei se o pai era jornalista. Ela confirmou, mas pareceu ter despertado de repente, olhando-me surpresa.

- Você é a Lara, não é? Meu pai já me falou de você.

Diante da confirmação, segundo a Lara, a Donna a tinha levado para um canto mais tranquilo e as duas ficaram conversando. O que me restava era fazer a apresentação oficial, o que aconteceu uma semana depois durante novo jantar, dessa vez na casa da Lara e com a participação do André. As duas pareciam velhas amigas. Faltava, agora, a introdução do Vitor, mais protetivo que a Donna com a mãe. Ele chegaria dentro de duas semanas e combinamos ter novo jantar, reunindo-nos. Dessa vez seria na minha casa, para não criar grande impacto. Donna e Lara cuidariam de tudo. E deu tudo certo, com o Vitor também sendo conquistado. Donna, Lara e Claire ficaram amigas e meu filho acabou sendo “adotado”, com a Lara brincando que era sua “mãe postiça”. Tinha voltado – sem querer ou planejar – aos melhores dias de minha vida.

No casamento de meus filhos quem me acompanhou foi a Lara. Apresentei-a como minha namorada. Minha ex-mulher, a quem levei pelo braço até o altar, foi polida. Depois, Donna me falou que ela não se sentiu ofendida, afirmando que, do mesmo jeito que ela, tinha direito à vida. Foi uma cerimônia marcante e vi meus filhos saírem ainda mais felizes, torcendo para que seus casamentos durassem pelo menos os mais de 20 anos que o meu

tinha durado. No entanto, sabia que o tempo era diferente e não criei expectativa sobre o futuro deles.

No meu caso, também era um tempo diferente. A Lara preencheu um vazio na minha vida e como a Donna observou muito bem, tornou-se mais feliz. Quando vimos, estávamos fazendo novamente dois anos juntos. Não sou bom com datas e, para ser sincero, nem me lembrei. Na sexta-feira não tínhamos combinado nada e fui para casa. Foi uma semana intensa e minha intenção era chegar, tomar banho, pedir comida e, depois, dormir. No sábado, ligaria para a Lara e combinaríamos alguma coisa. Ao chegar fiquei surpreso ao encontrá-la.

- Por que não me avisou que vinha?

- Por que é uma surpresa. Não poderia ficar longe no dia em que estamos completando dois anos de recomeço. Dessa vez, não vou embora, mesmo que você me expulse. Mas antes tenho um presente e um pedido.

Fiquei curioso. Nem da primeira, nem da segunda vez, fazer pedidos era característica da Lara. Ela levantou-se e pegou um pacote, embrulhado com esmero e toda sorridente me entregou.

- Feliz dois anos de namoro, Paulo. Quero que eles se transformem em 20 e em muito mais. Eu te amo.

Enlaçou-me, me beijou e me entregou o pacote. Sentou-se ao meu lado e esperou. Senti-me um idiota com o pacote na mão sem ter a mínima ideia do que era. Comecei a abri-lo com jeito, para não rasgar o papel, mas não consegui. Puxei com força, um pedaço se rasgou e mostrou uma caixa com a lateral branca. Fiquei ainda mais curioso e acabei de rasgar o papel de presente descobrindo que era a caixa de um Macbook Air. Olhei-a e a vi sorrindo.

- Achei que precisa de um desses, que vai facilitar sua vida. Mas minha intenção foi outra. Você nunca quis escrever ficção. E é este o meu pedido: use o notebook para escrever nossa história.

Pode romanceá-la, se quiser. Fará isso por mim?

- Obrigado, Lara. É o melhor presente que já ganhei. Mas não precisava. Quando ao pedido, vou pensar no assunto. Agora, deixa eu pagar o presente.

Levantei-me e a puxei em direção ao quarto.

#####

Dois anos depois.

Novo casamento, novo apartamento, dois netos a caminho e vida nova. Nos últimos quatro anos minha vida tinha dado uma virada, e não apenas no lado emocional. Depois da primeira surpresa, quando ganhei o notebook, tinha colocado o Dia da Lara no meu calendário como evento permanente. Não mais ia me esquecer do dia que tinha se revelado muito importante para mim. E foi com o espírito de lembrar e agradecer que voltei para casa com um presente. Queria surpreender a Lara, já que ela sempre me surpreendia. Fiquei imaginando o que teria inventado para lembrar o dia, mas não consegui imaginar. A surpresa foi chegar e ver que não tinha preparado nada especial. Na verdade, encontrei-a com cara de preocupada.

- O que houve, amor? Você parece preocupada.

Ela me abraçou com força, recostou seu rosto no meu e começou a chorar. Entrei em pânico.

- O que foi, Lara? Pelo amor de Deus, me diga o que está acontecendo! Você está me deixando assustado.

Levou algum tempo até ela se acalmar e o choro parar. Mas continuou abraçada a mim. Afastei-a com carinho e a levei para o sofá, sentando-me ao seu lado.

- Acalme-se, por favor. Respire fundo. Relaxe e me conte o que houve. Deixa eu ajudar.

Ela limpou os olhos e abriu um sorriso tímido. E começou gaguejante.

- Não, não, não sei como te dizer, Paulo. Tenho medo de sua reação.

- Lara seja o que for, tem de me dizer. Me conte e vamos conversar, resolvendo.

Ela passou a mão nos olhos, enxugando o resto de lágrimas e ficou me olhando muito séria. Achei que vinha uma tragédia a caminho e fique pensando, por antecipação, o que poderia fazer. De repente, ela pareceu tomar coragem.

- ESTOU GRÁVIDA!

Foi quase um grito e recomeçou a chorar. Aproximei-me, abracei-a com força, deixando-a bem colada a mim e sentindo o calor do seu corpo. Levantei seu rosto e a beijei. Aproximei-me de seu ouvido e disse baixinho.

- É uma ótima notícia. Por que está chorando? Você sempre quis um filho.

Vi o seu olhar e nele a surpresa. Era como se eu fosse um ET que acabou de chegar à Terra e a tinha assustado.

- Não foi de propósito, Paulo. Juro. Tentei tantas vezes antes e nunca consegui. Não me deixes, por favor. Não vou resistir.

- Lara, as melhores experiências de minha vida foram os nascimentos de meus dois filhos. Quem foi que te disse que eu me zangaria? Quero que seja feliz e sei que um filho a completará. E vê-la feliz, me deixa feliz. Deixa de bobagem. Um novo filho é muito bem vindo.

Não tinha sido um presente programado. No dia seguinte, faria 60 anos. A gravidez e o filho em gestação foi meu melhor presente do Dia da Lara e de aniversário e havia coroado uma das histórias mais improváveis de acontecer.

No final e resumindo, o filho veio, um menino, completando o nascimento de meu neto, filho da Donna, e de minha neta, filha do Vitor. Dos escombros da Lara, tinha criado uma família. Com a volta dela, nova família nasceu e se ampliou. Vendo-o dar os primeiros passos pela casa, atendi um pedido que me foi feito há tempo. Embora a história não seja completa, dá um panorama do que aconteceu. Novamente era sexta-feira e eu estava retornando para Lara e meu novo filho. Na pasta, além dos papéis corriqueiros, havia um pequeno volume com capa personalizada. Era um presente. O meu presente para a Lara. Depois da dupla recepção e de o pequeno Paulo se interessar por outra coisa que não o pai, abri a pasta e retirei o volume.

- Amor, tenho um presente para você.

O pequeno pacote tinha sido feito com esmero, com a ajuda da Lise. Aliás, fora ela quem o fizera, cuidando dos os detalhes e enfeitando-o com a bela fita. Eu o estendi e a Lara ficou me olhando. Sinalizei que o abrisse. Ela o fez. Ao ver a capa do pequeno livro, não entendeu nada e voltou a me olhar de modo interrogativo. Indiquei que o lesse. Ao ver o primeiro parágrafo, abriu um largo sorriso.

“Você se lembra?”.

Era o título da nossa história contada em forma de ficção.

